

Geração e Trabalho na Atualidade: uma análise sociológica

Carolina M. B. de Souza¹

Resumo: Este artigo objetiva discutir a questão geracional, relacionando-a com o retorno ao trabalho de aposentados, funcionários públicos de ambos os sexos, nos diferentes setores de serviços, em Salvador – Bahia. A pesquisa qualitativa, realizada através de entrevistas, foi norteada pela hipótese de que o retorno e a continuidade dos informantes no mercado de trabalho se devem à necessidade de manterem as condições de vida, de preservarem a solidariedade familiar e de preencherem o vazio social. Os pesquisados demonstram a centralidade do trabalho nos relatos de suas trajetórias profissionais. No universo pesquisado, encontram-se variadas formas de inserção profissional dos informantes, vínculos formais e não formais de trabalho.

Palavras-chave: Aposentadoria; família; geração; trabalho; mercado de trabalho.

Generation and work nowadays: a sociological analysis

Abstract: *This paper aims to discuss the generation question, relating it to the return of retirees to work again, public employees, male and female, in different sectors of services in Salvador-Bahia. Qualitative research was carried out through interviews, based on the assumption that the return to work or continuity of the informants, in the market, is justified by the improvement of their economical*

1 Departamento de Ciências Humanas e Filosofia (DCHF) – Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) – Feira de Santana – Brasil – carolinamarback@yahoo.com.br

living conditions, giving the family some support and also to have a busy life in the social context. The interviewees show centrality of work in the reports of their professional ways. In the collected data, different types of professional insertion were presented in formal and informal ties of work.

Keywords: *Retirement; family; generation; work; job market.*

1. INTRODUÇÃO

Ao longo das duas últimas décadas, no Brasil, temas relativos ao envelhecimento passaram a ser tratados em investigações das Ciências Sociais. A constituição de um campo de pesquisa que contempla relações geracionais e velhice está associada ao crescimento da população idosa em âmbito mundial. O deslanchar dessa área de estudo, por sua vez, é propiciado pelo impacto decorrente do aumento populacional, observado mais visivelmente em diferentes espaços públicos e domínios da vida privada, tanto no funcionamento do mercado de trabalho e dos sistemas de aposentadoria quanto na família (Barros, 1998; Britto da Motta, 2004; Debert, 1999; Peixoto, 2000).

Nas pesquisas socioantropológicas, as relações geracionais auxiliam no entendimento e na apreensão das mudanças ocorridas nos processos sociais, possibilitando sua identificação histórica. Mannheim (1982), no texto “O problema sociológico das gerações”, assinala a necessidade de tentar compreender esse conceito como um fenômeno de localização social, devido à interação entre seres humanos, à estrutura social definida e à continuidade peculiar no processo histórico-cultural, que envolve novos participantes nas sociedades e resulta na sucessão geracional (Weller, 2010)².

O uso do termo *geração*, em seu sentido sócio-histórico, é sugerido por Attias-Donfut (1996), para quem tal conceito suscita acepções polissêmicas nas Ciências Sociais, podendo ser formulado com base na participação na vida produtiva, na idade e na genealogia. Essa pesquisadora, integrante da *Caisse Nationale d'Assurance Vieillesse* (Caixa de Assistência à Velhice) na França, trata de maneira indissociável as relações sociais de geração e de gênero. Compreende que as transformações nas relações de sexo só se exercem em todas as suas consequências sociais na escala da sucessão das gerações, enfocando a contribuição de avó e avô nos encargos da reprodução social (cuidado

2 No artigo “A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim”, Weller (2010) tece uma reconstrução do mencionado ensaio de Mannheim, refletindo que a atualidade de sua análise reside na elaboração de uma perspectiva multidimensional de compreensão das relações sociais e geracionais.

e educação dos netos), o que possibilita a continuidade das mulheres, filhas e noras, no trabalho.

A questão do trabalho, por sua vez, se constitui em assunto central em nossos dias, a despeito da tendência eurocentrista³, predominante nas duas últimas décadas, que tem preconizado o fim ou mesmo a perda de significado do trabalho na contemporaneidade:

Além dos assalariados urbanos e rurais que compreendem o operariado industrial, rural e de serviços, a sociedade capitalista moderna vem ampliando enormemente o contingente de homens e mulheres terceirizados, subcontratados, *part-time*, que exercem trabalhos temporários, entre tantas outras formas assimiladas de informalização do trabalho, que proliferam em todas as partes do mundo (Antunes, 2005, p.17).

No desenrolar deste artigo, o leitor poderá constatar, inicialmente, uma análise sobre ocupação e renda no Brasil e na região Nordeste, baseada em indicadores sociais disponibilizados pela Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Tais informações contextualizam a investigação qualitativa desenvolvida com aposentados, funcionários públicos federais ou estaduais de ambos os sexos, que voltaram e continuaram a trabalhar na cidade de Salvador. Importa salientar que o principal objetivo desta investigação é apreender os significados materiais e simbólicos do retorno ou da continuidade ao trabalho para os aposentados. O questionamento central norteador da pesquisa procura investigar os porquês do retorno ao trabalho pelos aposentados. A hipótese central baseia-se na consideração de que as principais motivações do retorno ao trabalho para os aposentados são manterem as condições de vida, preservarem a solidariedade familiar e preencherem o vazio social.

3 Os críticos da sociedade do trabalho elaboram a desconstrução ontológica do trabalho no plano da teoria do conhecimento. Alguns deles são: André Gorz (1980) em *"Adeus ao proletariado"*; Claus Offe (1980) no ensaio "Trabalho: categoria sociológica chave?"; Habermas (1991, 1992) em *"Theory of Communicative Action"* (*Teoria da Ação Comunicativa*); Dominique Méda (1995) no livro *"Le travail: une valeur en voie de disparition"* (*O trabalho: um valor em vias de desaparecimento*) e Jeremy Rifkin (1995) em *"O fim dos empregos"*. Contrapondo-se a essa vertente teórica, Antunes (2005, p. 26) considera que, no mundo real, o trabalho se reconverte em uma das mais explosivas questões da contemporaneidade, mencionando a presença de pelo menos 2/3 da humanidade que trabalha no chamado "Terceiro Mundo"; na Ásia, no Oriente, na África e na América Latina. Além disso, Antunes assinala a nova e complexa divisão internacional do trabalho decorrente do capital mundializado.

2. TRABALHO E APOSENTADORIA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Durante os anos 1990 no Brasil, desenvolveu-se o processo de ajuste e reestruturação produtiva⁴, resultando na constituição de uma economia urbano-industrial, em que o setor industrial restringiu o emprego de mão de obra, ao tempo em que os serviços absorveram um maior número de trabalhadores. A característica heterogênea do setor de serviços englobou, desde aqueles mais modernos até o pequeno comércio, a prestação de serviços pessoais e outras atividades precárias e mal remuneradas do chamado mercado informal. A expansão do setor de serviços não conseguiu compensar a destruição de postos que vinha ocorrendo nos demais setores. Por conseguinte, foi verificada ampliação do excedente da mão de obra, associada ao aumento da seletividade patronal e das dificuldades de acesso aos (escassos) postos de trabalho e à diminuição dos rendimentos daqueles que permaneciam ocupados, notadamente nas regiões metropolitanas (Carvalho, Codes, 2006).

Ao elaborar um balanço do neoliberalismo, Fiori (2001) menciona alguns acontecimentos empreendidos após 1994, no Brasil, tais como: abertura e desregulamentação dos mercados, privatização do setor público em nome da “competitividade global” e desmonte do Estado através de sua submissão aos interesses privados e à proteção de alguns grupos econômicos selecionados que não se alteraram com a abertura comercial e a desregulamentação econômica. Assinala as principais consequências dessas reformas neoliberais: redução dos direitos trabalhistas, congelamento dos salários do setor público e diminuição da participação salarial (de 45% para 36% da renda nacional).

No bojo desse contexto socioeconômico, “reformas estruturais” ou reformas orientadas para o mercado foram realizadas como “ajuste estrutural”, envolvendo programa de estabilização, abertura econômica intensa e rápida, amplo programa de privatizações, ênfase nos mecanismos do mercado e uma profunda reformulação do papel do Estado “tanto em termos de seu protagonismo econômico e de suas funções reguladoras como de suas responsabilidades como provedor de políticas econômicas e sociais” (Carvalho, Codes, 2006, p. 111). Consequentemente, nos anos 1990, algumas transformações ocorreram na Região Metropolitana de Salvador⁵, tais como: terceirização do emprego e da ocupação; desemprego

4 Caracterizou-se pela redução da produção interna e pelo aparecimento de mais produtos importados, resultante da abertura comercial que recompôs a oferta interna de bens e serviços (Pochmann, 2008). O processo de reestruturação produtiva, desenvolvido pelas empresas, resultou no fenômeno de demissão em massa jamais vivido na história da industrialização do país (Costa, 2010).

5 A Região Metropolitana de Salvador é composta pela capital baiana e mais doze municípios: Camaçari, Candeias, Dias D'Ávila, Itaparica, Lauro de Freitas, Madre de Deus, Mata de São João, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passe, Simões Filho e Vera Cruz.

e flexibilização das relações de trabalho (ampliação dos que trabalham fora da relação de assalariamento, mudanças nas possibilidades de carreira e redução/término de benefícios antes agregados aos salários) (Borges, 2003).

Não perdendo de vista a contextualização socioeconômica, referente à ocupação no Brasil, importa atentar para a composição de grupos etários da população no funcionamento e na dinâmica do mercado de trabalho e para a tendência de desaceleração do crescimento da população brasileira, ao tempo em que ocorre o aumento da expectativa de vida. O crescimento da oferta de trabalhadores idosos no Brasil é verificado por Wajzman, Oliveira e Oliveira (2004), que analisam a participação dos trabalhadores acima de 60 anos no mercado de trabalho, durante os anos compreendidos entre 1977-2002, e realizam projeção demográfica para duas décadas. Estimam que, na População Economicamente Ativa (PEA)⁶, a participação de homens idosos corresponderá, aproximadamente, a 10% (quase o dobro dos 5,9% atuais) e a de mulheres idosas ficará em torno de 6% (atualmente são 3,4%).

A economia brasileira voltou a crescer a partir de 2004, resultando da confluência de fatores internos e externos favoráveis. Desse modo, a curva do emprego ou ocupação voltou a acompanhar a da produção. Essa tendência, somada à recuperação dos rendimentos, iniciou um ciclo de expansão do consumo e da produção, com reflexos positivos sobre a capacidade de geração de novos postos de trabalho na economia, apesar de o aprofundamento da crise global, no último trimestre de 2008, ter repercutido negativamente sobre a economia brasileira (Borges, 2010).

Com base em informações da PNAD, entre 2002 e 2009, verifica-se nos grupos de idade da população com 20 anos ou mais a continuidade da redução da participação relativa dos jovens (de 28,3% para 25,9% da população com vinte anos ou mais) e, em menor medida, dos adultos (de 44,2% para 42,4%), como resultado de mudanças demográficas e, simultaneamente, aumento da participação dos maduros ou velhos, de 27,7% para 31,7%, traduzindo o envelhecimento da população (Borges, 2010).

Na região Nordeste, a *Síntese de Indicadores Sociais* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) verifica que, em 2008, a proporção das pessoas de 60 anos ou mais de idade, aposentadas e ocupadas, correspondia a 23,7%, das quais 33,5% eram homens e 16,0%, mulheres. Entre os 22,5% de aposentados e ocupados, com 65 anos ou mais, 33,6% eram homens e 13,8%, mulheres. Do total

6 A População Economicamente Ativa (PEA) consiste na taxa que mede a pressão da oferta de trabalho sobre o mercado de trabalho, isto é, a proporção de pessoas com dez anos de idade ou mais na situação de ocupadas ou desempregadas (SEI, 2007).

de 18,8% de aposentados e ocupados, com 70 anos ou mais, 29,3% eram homens e 10,7%, mulheres (IBGE, 2008).

Tabela 1: Proporção de pessoas aposentadas e ocupadas
Região Nordeste – 2008, 2009.

<i>Anos</i>	<i>Grupos de idade</i>	<i>Total (%)</i>	<i>Homens (%)</i>	<i>Mulheres (%)</i>
2008	60 anos ou mais	23,7	33,5	16,0
	65 anos ou mais	22,5	33,6	13,8
	70 anos ou mais	18,8	29,3	10,7
2009	60 anos ou mais	22,3	32,0	14,3
	65 anos ou mais	20,9	32,2	11,7
	70 anos ou mais	16,7	26,5	9,3

Fonte: IBGE, PNADs 2008 e 2009. Elaboração Própria.

Como nos mostra a Tabela 1, em 2009, a região Nordeste apresenta 22,3% de pessoas com 60 anos ou mais de idade, aposentadas e ocupadas, das quais 32,0% eram homens e 14,3%, mulheres. O grupo de pessoas com 65 anos ou mais de idade, aposentadas e ocupadas, perfazia o total de 20,9%, entre as quais 32,2% eram homens e 11,7% mulheres. Quanto às pessoas com 70 anos ou mais de idade, aposentadas e ocupadas, eram 16,7%, 26,5% homens e 9,3% mulheres (IBGE, 2009).

3. QUADRO GERAL DA PESQUISA

A investigação qualitativa que desenvolvi no espaço soteropolitano tem como objetivo apreender os significados materiais e simbólicos do trabalho de aposentados, funcionários públicos federais ou estaduais, de ambos os sexos.

Durante 2006 e 2007, realizei 34 entrevistas com aposentados, homens e mulheres, de idade entre 52 e 76 anos, que estavam inseridos na amostra não probabilística. Obtive o acesso aos informantes por sugestão de pessoas do meu convívio familiar, que disponibilizaram nomes e telefones. Além disso, sempre ao término de uma entrevista, solicitava, ao pesquisado, indicação para novas entrevistas⁷. Ao longo desse artigo, o leitor encontrará algumas passagens das

7 Em pesquisas qualitativas, a realização de entrevistas com pessoas sugeridas pelos informantes já entrevistados requer cuidados, haja vista que muita proximidade nas relações entre os pesquisados pode ocasionar entrevistas viciadas, isto é, opiniões semelhantes sobre alguns temas tratados no roteiro. Daí a necessidade do sociólogo acionar sua dimensão cognitiva, isto é, o conhecimento do meio onde se realiza o trabalho de campo e um olhar crítico sobre tal realidade.

entrevistas realizadas. Importa ressaltar que os nomes dos pesquisados mencionados são fictícios.

No roteiro das entrevistas tratei sobre identificação geral, trajetória educacional e profissional (atividades ocupacionais antes e após a aposentadoria), vida familiar e conjugal, trabalho, relações entre gerações e aquelas estabelecidas entre participantes de uma mesma geração. Nas entrevistas, portanto, foi possível identificar as atividades ocupacionais desempenhadas pelos informantes antes e após as aposentadorias.

Dos informantes, apenas duas trabalharam no setor privado e são aposentadas pelo Instituto Nacional de Seguro Social (INSS). Os demais são aposentados de instituições públicas, estaduais e federais. Somente duas outras pesquisadas, professoras universitárias, trabalham em município situado aproximadamente a 110 KM de Salvador, embora residam em Salvador. Do total de pesquisados, 17 mulheres e 17 homens, 10 se dedicam a atividades ocupacionais relacionadas à profissão desenvolvida antes da aposentadoria (professores de ensino médio; professores universitários e profissionais liberais) e os outros, a atividades ocupacionais diferentes daquelas tidas anteriormente à aposentadoria (consultores, donos de estabelecimentos comerciais etc.).

No universo pesquisado, os que se situam na faixa etária de 63-67 encontram maior facilidade de engajamento no mercado de trabalho. Os pesquisados com nível superior completo são mais da metade e, alguns desses, têm Pós-Graduação.

Nesta investigação social, quatro pesquisados possuem negócio próprio, sendo donos de estabelecimentos comerciais, dos quais três já se dedicavam à gerência desses empreendimentos antes da aposentadoria, conciliando as atividades nas instituições estaduais ou federais e a referida gerência. Dos pesquisados, a maioria, 24, se encontra na faixa etária de 60 a 69 anos; 5 estão abaixo e 5 acima dessa faixa.

O retorno ao trabalho e sua continuidade pelos aposentados caracterizam-se pela instabilidade⁸ das relações de trabalho, predominantes no capitalismo

8 Ao tratar sobre a falta de estabilidade nos empregos, Cacciamali (2000, p. 154) formula reflexões sobre o termo setor informal. Considera assim a sua aplicação na literatura especializada, especialmente latino-americana, de maneira abrangente, para representar proprietários e trabalhadores que participam da produção em unidades produtivas micro ou pequenas, onde as relações capital-trabalho não se encontram bem estabelecidas, seja no âmbito da organização do trabalho, como no cumprimento das regras legais. A autora salienta que os estudos sobre setor informal abordam as seguintes dimensões que o envolvem: tratam o termo para caracterizar a organização de pequenas e microempresas de bens e serviços e também para se referir ao fenômeno do assalariamento ilegal, isto é, empregados que foram contratados à margem das regras laborais vigentes, no caso brasileiro, por exemplo, sem registro na carteira de trabalho,

contemporâneo. Todavia, nesta pesquisa, verifico que alguns informantes se encontram inseridos em empregos estáveis, pois são estatutários de instituições federais ou estaduais. É importante também destacar que a fronteira tênue entre trabalho formal e informal, na organização do trabalho no Brasil urbano, faz-se presente no universo estudado.

Casos variados foram constatados: aqueles que apresentam relações formais de trabalho, isto é, possuem carteira de trabalho assinada e são regidos pela Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), consistem em 14 informantes; os estatutários (professores pertencentes ao quadro de efetivos de instituições federais e estaduais) são 12; os que têm relações informais de trabalho e vivem condições instáveis, dos quais 10 são empregados sem carteira assinada, 22 são trabalhadores por conta própria, 2 não têm remuneração e 8 possuem e administram negócio próprio. A maioria dos trabalhadores, informais ou instáveis, identificam-se como consultores.

4. APOSENTADOS: SUAS MOTIVAÇÕES PARA O TRABALHO

4.1. MANUTENÇÃO DAS CONDIÇÕES DE VIDA

Os pesquisados, em geral, assinalam a recompensa financeira como fator preponderante para a continuidade no trabalho e alguns informam que a satisfação com a atividade ocupacional consiste em fator relevante e complementar à necessidade econômica:

Mas do que eu vejo do aposentado, hoje, é que ele precisa retornar ao mercado de trabalho. Não tem jeito. E esse negócio de dizer que volta porque quer trabalhar para não ficar em casa, eu acho que é conversa. Volta porque precisa de grana mesmo. (Vitória, 52, contadora e consultora) (In: Souza, 2010, p. 78)

Entendem, ainda, que o retorno ao trabalho após a aposentadoria expressa as dificuldades financeiras sofridas pelos aposentados, uma vez que não têm aumento salarial, embora cresça a pressão dos custos para manutenção do orçamento familiar.

conforme rege a legislação. De acordo com Cacciamali (2000, p. 167), o Processo de Informalidade pode ser representado e acompanhado por duas categorias de trabalhadores que nele são predominantes: os assalariados sem registro (aqueles contratados de forma ilegal e que não têm acesso a um conjunto de garantias sociais) e trabalhadores por conta própria, isto é, os que atuam na área de prestação de serviços e contam com a ajuda de familiares ou de ajudantes assalariados com extensão de seu próprio trabalho, visando à obtenção de uma renda para sua manutenção e de sua família.

Eu vou te dizer que eu gosto muito de trabalhar, Carol! Por isso que as coisas para mim não são sofridas. Mas o retorno financeiro está sendo uma ajuda muito grande. É óbvio. Não tem o que discutir. Porque o que você se aposenta no Estado é irrisório. E olhe que eu levei vantagem de suplementar e tudo isso. (Sílvia, 63, professora de biologia do ensino médio) (In: Souza, 2010, p. 78)

Em outra passagem da entrevista, a mesma informante considera a política governamental destinada aos aposentados como de perda, mencionando que a continuidade dessa política pode levar as pessoas que se aposentaram há quatro ou cinco anos passados a ganharem um salário mínimo. Declara: “As perdas são muito grandes: ganham muito mal”. (In: Souza, 2010, p. 78)

No que diz respeito à satisfação no trabalho, Eduardo (63, professor universitário aposentado e assessor dessa instituição) registra que seu trabalho é quase seu lazer, pois gosta muito do que faz. Maria (66, professora universitária aposentada e consultora) destaca que, no labor, realizar sem exageros o que traz prazer é um elemento favorável para a manutenção da boa saúde.

Quanto às vantagens de continuar trabalhando após a aposentadoria, alguns pesquisados mencionam a possibilidade de manter o padrão de vida, bem como uma tentativa de resistir ao processo de envelhecimento:

Bom, primeiro, a renda adicional: a vantagem concreta. Segundo, para quem exerce um trabalho intelectual, manter a intelectualidade, manter o cérebro funcionando ativamente, eu acho muito importante para o processo de envelhecimento. Porque o homem, quando se aposenta, perde um pouco a sua capacidade de resistir as peripécias da velhice ou do processo do envelhecimento. Então, manter a cabeça ativada é sempre bom. Eu acho que eu vou até o fim nessa parte, não é? Evidentemente, pode chegar uma parte em que o físico não aguenta mais. (Celso, 57, auditor fiscal aposentado e professor universitário de Economia) (In: Souza, 2010, p. 79)

Ana (66, professora de português do ensino médio), Maria (66, professora universitária aposentada e consultora) e Jorge (70, dentista e relações públicas), por sua vez, destacam, em suas entrevistas, que utilidade social e remuneração adicional à aposentadoria são fatores fundamentais para o retorno ao trabalho. Desses pesquisados, uma comenta:

Primeiro, se colocar em dia com tudo aquilo que a gente aprendeu e aprende ao longo da vida. Porque a aprendizagem é constante, é contínua. Segundo, de complementar a renda. Terceiro, exercita a mente da gente que vai

envelhecendo e quando para esquece, não é? E se sentir útil à sociedade, fazendo alguma coisa, sobretudo (risos). (Ana, 66, professora de português do ensino médio) (In: Souza, 2010, p. 79)

Wilson (72, dentista e médico), Luís (engenheiro químico e consultor), Lázaro (66, engenheiro e professor de Ciências Exatas do Ensino Médio) e Jessé (56, consultor e administrador) expressam suas percepções quanto às variadas condições de aposentados existentes no sistema social brasileiro e demonstram a consciência de aí estarem posicionados de maneira vantajosa. Ao serem indagados sobre a situação do aposentado no Brasil atual, foram unânimes em considerar que as pessoas, em geral, sofrem perda salarial quando se aposentam, o que lhes traz dificuldades, pois a manutenção dos custos de vida (plano de saúde e assistência médica, por exemplo) é dispendiosa, e o Estado não oferece a cobertura devida na área de saúde. Em entrevista, o informante expressa:

Aposentados são pessoas que enfrentam muitas filas. Tudo para o aposentado é muito difícil, não é? Então, eu acho que, hoje, a aposentadoria é um castigo, digamos assim. As pessoas se aposentam porque também não vão trabalhar a vida toda. Há que ter um tempo para a pessoa curtir a vida e descansar. Na verdade, a aposentadoria para muita gente é um transtorno. (Jessé, 56, consultor e administrador) (In: Souza, 2010, p. 80)

4.2. PRESERVAÇÃO DA SOLIDARIEDADE FAMILIAR

Grande parte dos informantes associa diretamente os salários, antes e após a aposentadoria, à responsabilidade familiar. Eduardo (63, professor universitário) recorda que continuou a trabalhar depois da aposentadoria por uma questão de necessidade econômica devido ao fato de seu filho caçula ter sido aprovado no Concurso Vestibular para o curso de Medicina na Universidade Católica do Salvador (UCSAL): um curso caríssimo, em seu dizer. Na ocasião da entrevista, quando o filho concluíra o curso, o pesquisado mencionou que as despesas com ele ficaram bem menores, pois ele cursava residência médica.

Quando questionada sobre como sentiu a aposentadoria, Vitória (52, contadora e consultora) diz tê-la, inicialmente, considerado como uma libertação, pensando em voltar a trabalhar fora de sua área profissional. Porém, ao longo do tempo, sentiu necessidade de continuar a trabalhar na mesma área devido à premência de complementar a renda, haja vista que seus filhos saíram da adolescência e ficaram jovens adultos (estudantes universitários sem emprego).

Ao lembrar da abordagem historicista alemã de que o problema das gerações consiste em um problema da existência de um tempo interior que não pode ser medido, mas apenas experimentado em termos puramente qualitativos, Mannheim (1982) se inspira em Dilthey, para quem a contemporaneidade dos indivíduos que constituem uma geração, marcada, por sua vez, pelas influências comuns que recebem, é preponderante em relação ao mero dado cronológico. Nesse sentido, a contemporaneidade geracional remete à esfera de um tempo interior que pode ser analisado por compreensão intuitiva. Centrando-se em um tratamento qualitativo, Mannheim (1982) considera o tempo de intervalo que separa as gerações como subjetivamente experimentável, sendo a contemporaneidade condição subjetiva de sujeição às mesmas forças determinantes. Esses entendimentos talvez possam ser associados à inferência feita pelo informante ao ser indagado sobre as possibilidades de emprego para as novas gerações:

Então, a geração da gente ficou um pouco espremida, nós tivemos que ajudar a geração anterior e estamos tendo um encargo maior com a geração atual. Agora, não é culpa deles – com certeza. Foi uma questão histórica e sociológica. Mas, com certeza, foi uma coisa que foi geral porque a minha geração foi praticamente toda assim – nós começamos a trabalhar cedo e assumimos cedo. Hoje, eles não estão saindo, porque a gente vê pessoas que terminam de se formar, com todo potencial de trabalho, preparadas – muito mais bem preparadas do que eu estava quando comecei – com empregos irrisórios, empregos vergonhosos, salários pequeníssimos que mal dão para eles se manterem. Não têm condições de começar a casar, de constituir uma família e nem de comprar um carro – coisas desse tipo. Não têm porque, o nível de salário aviltou muito nesses últimos 30 anos no Brasil. Então, eu acho que a geração atual é dez vezes pior, enfrentando o mercado de trabalho, do que a nossa geração enfrentou. (Eduardo, 63, professor universitário aposentado e assessor dessa instituição) (In: Souza, 2010, p. 81-82)

Quanto à consciência de geração, destaco alguns entendimentos de informantes, professoras aposentadas, quanto à continuidade, ou não, na docência após a aposentadoria. A informante Cláudia (60) comenta que, ao se aposentar após 26 anos de serviços prestados, não sentiu falta da sala de aula por ter completado o ciclo de contribuir intelectualmente para uma formação geracional. Já a pesquisada Dalva (68), que permaneceu na docência após a aposentadoria, ponderou ser uma dádiva a continuidade do trabalho de professor devido ao

contato com a geração mais nova, possibilitando o intercâmbio e a atualização. Opinião semelhante é também compartilhada pela pesquisada Márcia (63, professora universitária): “No caso do ensino, você está ainda formando outras pessoas, você está ajudando outras pessoas na sua formação profissional, entendeu?! Eu acho que é muito bom!” (In: Souza, 2010, p. 162). Nesse sentido, importa salientar outra consideração de Mannheim (1982), para quem as gerações estão em um estado de interação constante no que se refere à transmissão da herança cultural. O autor aborda, então, o processo de educação ou instrução adequada dos jovens, mencionando a dificuldade de diálogo que pode haver entre as partes, devido à falta de compreensão decorrente do fato de que os problemas dos jovens educandos são completamente distintos dos problemas enfrentados pelo educador em sua juventude:

Essa tensão é impossível de ser solucionada exceto por um fator de compensação: não apenas o professor educa seu aluno, mas o aluno também educa o professor. As gerações estão em um estado de interação constante (Mannheim, 1982, p. 83).

Na tentativa de associar o entendimento do autor a esta pesquisa de campo, destaco o comentário feito por Sílvia (63, professora do ensino médio) ao afirmar que a contribuição qualitativa de continuar trabalhando procede do fato de aprender com seus alunos, jovens muito carentes materialmente que lutam pela sobrevivência. Quando os alunos compartilham seus problemas familiares com ela em conversas que estabelecem nos corredores e no pátio da escola, a pesquisada questiona sobre os seus próprios valores e impasses estabelecidos na família, passando a reconsiderar suas atitudes e sendo capaz de aceitar determinadas situações.

Quando comenta sobre as possibilidades de emprego para as novas gerações, Maria (66, professora universitária aposentada e consultora) as qualifica de precárias e desalentadoras, uma vez que o mercado não responde, apesar de muitos jovens estarem com o diploma na mão. Pondera também que essa situação é desalentadora para as famílias dos jovens, pois ficam sem saber o que fazer. A informante acredita que a saída esteja na criatividade através do empreendedorismo⁹, por não se dever esperar nem pelo emprego público nem pelo privado.

9 Em análise dos elementos constitutivos do microempreendimento informal, Pochmann (2008) salienta que as unidades de microempreendimento informal no Brasil compreendem um amplo, complexo e heterogêneo universo de atividades. Tal variação engloba em geral desempregados sem alternativas no mercado de trabalho, envolvendo desde atividades artesanais até a constituição de iniciativas pré-capitalistas com potencial de expansão (Pochmann, 2008).

A partir dos anos 1990, uma das questões que passou a instigar os sociólogos diz respeito à expansão do individualismo na organização familiar que, por vezes, afeta e enfraquece a solidariedade familiar. Todavia, Peixoto (2007, p.17) questiona: “Se assim fosse, como explicar o recurso ao apoio familiar nas situações de desemprego e nas separações e divórcios?” A antropóloga considera, então, que, na sociedade brasileira, a solidariedade familiar é diversificada e fundamental, efetivando-se em função da situação social dos doadores e receptores. De maneira enfática, afirma que, no Brasil, a família é o único apoio que resta, pois o Estado não intervém para minimizar a má distribuição de renda, mencionando como exemplos o orçamento público diminuto destinado às políticas sociais, os ínfimos valores de seguro-desemprego e seguro-doença e os raros programas sociais existentes como o Bolsa Família, implantado em 2003, na primeira gestão do Governo Lula (Peixoto, 2004).

Cecília (68, professora universitária) comenta que sempre ajuda um irmão, 14 anos mais jovem que ela, pois ele “tem muito problema de emprego”. Célia (70, professora universitária) afirma ajudar sistematicamente na manutenção da família de seu sobrinho (mulher e filho), uma vez que ele e a esposa se encontram desempregados.

Ana Luísa (63, técnica aposentada do Tribunal de Contas e consultora) e Joilson (66, professor universitário) refletem sobre o desemprego vivenciado por seus filhos, afirmando que não lhes falta empenho nos cursos, pois investem em especialização e em tentativas de submissão a concursos.

Dessa maneira, a percepção de que escolaridade, até mesmo a de terceiro grau, não é fator de empregabilidade¹⁰ no mercado de trabalho atual pode ser destacada. Embora os pesquisados pertençam a uma geração para a qual o término do nível superior significava formação profissional (a escolaridade universitária era considerada fator de oportunidade de inserção no mercado de trabalho e constituía um importante elemento de ascensão social e de reposicionamento na escala de estratificação social), compreendem que a dificuldade de inserção do jovem no mercado de trabalho de hoje, sobretudo quando se referem aos filhos ou sobrinhos, não depende de formação

10 Segundo Ramalho e Santana (2004, p.26), o conceito de empregabilidade pode ser definido enquanto “capacidade da mão de obra de se manter empregada ou encontrar um novo emprego quando demitida, em suma, de se tornar empregável”. Os autores apontam a fragilidade desse conceito, destacando que as tendências de desemprego não são atenuadas, apesar dos investimentos feitos na qualificação profissional. Assinalam ainda que a ideia de educação não se sustenta como uma saída para o desemprego, haja vista o número crescente de pessoas capacitadas, com terceiro grau de escolaridade, que têm deparado com dificuldades para encontrar emprego.

profissional, e sim dos efeitos da falta de crescimento econômico do país e do desemprego tecnológico¹¹.

Os entrevistados nesta pesquisa, a maioria detentora de formação superior, têm menos dificuldades para a reinserção no mercado de trabalho em comparação a outros aposentados que não a possuem. O diferencial desses pesquisados, em relação aos jovens que apresentam formação superior, consiste na experiência trazida de suas trajetórias profissionais, fornecendo-lhes referência(s) e, com efeito, constituindo um atributo de mão de obra atrativa. Em comentário sobre as oportunidades no mercado de trabalho para aposentados, a informante expressa:

Eu penso da seguinte forma: eu penso que o aposentado não mais deveria assumir lugar de empregabilidade dos jovens. E acredito mesmo que muitos aposentados vêm dificultando o emprego para aqueles que não têm nenhuma função ainda, não têm um emprego. Mas acredito também que haja outra opção que são funções que exigem mais experiência, mais preparo e, então, esses aposentados que assumem essas funções, eu acho que é devido. Ou seja, esclarecendo: quando um aposentado ou uma aposentada assume uma função que subtrai a empregabilidade dos jovens, que ainda não tiveram a oportunidade de emprego, eu acho isso negativo. Mas, vejo como positivo quando assume outras funções que não tiram essa oportunidade ou que requerem um nível de experiência acumulada que só o aposentado tem (Rose, 66, professora universitária e assessora da Secretaria Municipal de Educação) (In: Souza, 2010, p. 84).

4.3. PREENCHIMENTO DO VAZIO SOCIAL

Os critérios definidores de fronteiras entre atividade e inatividade no Brasil não são mais determinados pela aposentadoria, como verificam os indicadores sociais do IBGE, a investigação de Peixoto (2004), realizada no Rio de Janeiro, e esta pesquisa, desenvolvida em Salvador-Bahia.

Vários informantes comentaram sobre suas percepções acerca da aposentadoria. Cláudia (60, professora de português do ensino médio) entende a aposentadoria como um momento de sua vida correspondente ao término de um ciclo

11 Pochmann (2008) aponta razões estruturais do desemprego no Brasil, tais como: a persistência de baixas taxas de expansão da economia brasileira nas duas últimas décadas e a evolução de um novo modelo econômico desde 1990, baseado no uso ampliado do receituário definido no Consenso de Washington, cuja principal consequência foi a de ter desencadeado desregulações nas esferas do mundo do trabalho. De acordo com o economista, o aumento da escolaridade se mostrou insuficiente para impedir a evolução do desemprego tanto para aqueles situados em famílias de alto rendimento quanto para os mais pobres.

em que contribuiu para a formação de gerações e considera que a principal vantagem de continuar trabalhando é a de estar inteirada na coletividade. Já Emília (67, técnica universitária aposentada e artista plástica) a percebe como uma fase necessária na vida das pessoas, mas que precisa também ser preenchida, sobretudo porque o não aumento de salário na aposentadoria e o acréscimo do custo de vida trazem dificuldades, limitando o poder de compra do aposentado.

Em algumas entrevistas, os informantes destacaram que o retorno ao trabalho representa um fator psicológico favorável. Um pesquisado compreende que a principal vantagem de retornar ao trabalho é ocupar a cabeça. Lembra que, assim, ele e várias pessoas se aposentaram cedo, tendo experiência para passar e uma vida por viver, afirmando:

E eu não comungo essa ideia de que o aposentado deve ir para a Praça da Piedade¹², sentar ali e vê a vida passar. Eu acho que até como prevenção de algumas doenças, não é, como Mal de Alzheimer, a cabeça deve ficar sempre funcionando. Como atividade, ela é sempre importante. Não muitas vezes pelo dinheiro, mas a simples ocupação de manter a mente e o corpo ocupado. E a gente continuar sempre com uma tarefa diária, um compromisso com o trabalho para mim é importante (Jessé, 56, militante aposentado; atual consultor e administrador) (In: Souza, 2010, p. 85).

A vantagem psicológica decorrente do retorno ao trabalho na aposentadoria também é mencionada nas falas de Wilson (72, professor universitário aposentado e dentista), que não admite ficar em casa pois sempre trabalhou desde os 12 anos. Lázaro (66, engenheiro aposentado do Exército e atual professor de engenharia do Colégio da Polícia Militar), por sua vez, não considera recomendável, para a saúde e o estado psicológico do idoso, que haja uma parada em decorrência de não ter uma atividade, afirmando: “Então, você está sempre com a mente ocupada. Essa é uma das maiores vantagens que tem” (In: Souza, 2010, p. 86).

Quanto às diferentes formas de vivenciar a aposentadoria, especificamente aquelas que incluem lazer (viagens, dança, grupos de terceira idade etc.), algumas informantes percebem-nas como fator positivo, pois entendem que toda maneira prazerosa de preencher o tempo da aposentadoria é válida. Expressam essa opinião Ana Luísa (63, técnica aposentada do tribunal da contas e consultora), Cláudia (60, professora de português do ensino médio), Sílvia

12 A Praça da Piedade, mencionada pelo informante, situa-se no centro antigo de Salvador. Representa um ponto de encontro de grupos de idosos e de variados tipos humanos: grupos de jovens budistas, desempregados, estudantes, evangélicos, vendedores ambulantes e mendigos.

(62, professora de biologia aposentada do ensino médio e atual professora do Instituto Federal da Bahia [IFBA]), Vitória (52, técnica universitária aposentada e consultora), Leila (69, professora de inglês, aposentada do ensino médio e professora de Faculdade particular) e Letícia (55, professora de história, aposentada do ensino fundamental e atual coordenadora pedagógica). Tais pesquisadas comentam que gostariam de ter tempo para o lazer, destacando que as atividades ocupacionais acabam interferindo na prática do lazer (viagens, encontros com amigos etc.)¹³.

Tanto Celso (58, auditor fiscal aposentado e atual professor universitário) quanto Felipe (65, professor universitário e consultor) criticam a associação direta que se faz entre as ideias de aposentadoria e inatividade, pois afirmam, em suas entrevistas, que, após a aposentadoria, procuraram estar sempre ativos no trabalho. Celso declarou que sua procura por mais de um emprego se deveu à necessidade de subsidiar financeiramente a educação universitária das filhas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, procurei analisar, sobretudo, alguns aspectos da aposentadoria, ao abordar funcionários públicos aposentados de ambos os sexos que continuaram ou retornaram ao trabalho, considerando suas diferentes formas de inserção ou de reposicionamento no mercado de trabalho em Salvador-Bahia – empregados com carteira assinada, estatutários, empregados sem carteira assinada, trabalhadores por conta própria, empregadores e trabalhadores sem remuneração. Além disso, tentei enfocar parte da gama variada de ocupações e profissões, nos setores de comércio, educação e saúde, que podem ser identificadas nessa cidade, marcada por intensas diferenças e desigualdades sociais.

A partir da hipótese de que uma geração não se define isoladamente, pois cada uma delas elabora sua identidade e contribui para produzir e formar outras gerações através do processo interativo que desenvolve, tentei apreender, nessa pesquisa, os significados materiais e simbólicos do retorno, ou da continuidade, ao trabalho para os aposentados e enfoquei as consequências dessa volta, ou continuidade, na relação que esses sujeitos estabelecem com a família, captando suas percepções através das narrativas sobre as trajetórias profissionais.

Tanto no âmbito público, isto é, no trabalho, quanto no privado, ou seja, nas relações familiares, solidariedade e conflito estão presentes no processo

13 Durante as entrevistas, questiono aos pesquisados se o trabalho desenvolvido após a aposentadoria interfere no lazer. Grande parte deles afirma não haver interferência. Contudo, as informantes mencionadas nesse parágrafo destacam que o trabalho após a aposentadoria tolhe a viabilidade de buscar lazer.

dialético que caracteriza a sucessão geracional. Essa dialética aparece na fala dos informantes quando se referem ao trabalho que desempenham e suas implicações na família, ora para mantê-la materialmente, ora para preservar a solidariedade aí existente.

No contexto investigado, os informantes fazem referência à solidariedade familiar, que tanto se expressa por meio da contribuição material quanto se manifesta através de algumas ajudas prestadas nos cuidados com os netos e na manutenção dos diálogos com os filhos. Todavia essa solidariedade familiar não significa o abandono de projetos pessoais, tal como o trabalho na aposentadoria.

Acerca das relações que estabelecem no ambiente de trabalho, os pesquisadores destacam o fator experiência no desempenho das atividades como o principal atributo para a sua continuidade. Salientam ainda que, para alguns colegas que continuam no trabalho após a aposentadoria, a principal vantagem competitiva consiste na atualização.

A centralidade do trabalho pode ser inferida nas narrativas de alguns pesquisados, sobretudo quando revelam a insatisfação sentida quando a aposentadoria ocorreu e eles ainda não tinham conseguido um novo vínculo de trabalho. Essa situação é explicitada em três entrevistas. Ademais, grande parte dos informantes considera os aspectos positivos de continuar trabalhando: a compensação financeira; a integração social e a oposição à inatividade.

Enfim, a heterogeneidade das condições socioeconômicas de aposentados em Salvador-Bahia, assim como no Brasil, revela um mercado de trabalho tão segmentado quanto precarizado. Daí a importância de que as necessidades dos aposentados sejam consideradas e políticas sociais lhes sejam direcionadas. De maneira análoga, os mesmos procedimentos devem ser acionados para a população jovem e adulta trabalhadora, os futuros aposentados. Para os trabalhadores desempregados, integrantes do exército industrial de reserva, é necessário que tal contexto seja modificado, a fim de que a aposentadoria seja um direito social respeitado e possível.

Referências

- ANTUNES, Ricardo. *O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2005. 136p.
- ATTIAS-DONFUT, Claudine. Solidarités et entraides entre generations. In: SINGLY, François de (Dir.). *La famille en questions: État de la recherche*. Paris: Syron, 1996. p. 167-178.

- BARROS, Myriam Lins de. Testemunhos de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. In: _____ (Org.). *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998. p. 113-168.
- BORGES, Ângela. A desestruturação do mercado de trabalho de uma metrópole periférica. In: *Caderno do Ceas*. Salvador: Novembro / Dezembro, 2003, n. 208. p. 43-61.
- _____. As novas configurações do mercado de trabalho urbano no Brasil: notas para discussão. In: *Caderno CRH*, Salvador, v. 23, n. 60, p. 619-623, set./dez. 2010.
- BRITTO DA MOTTA, Alda. Gênero, idades e gerações – introdução. In: *Caderno CRH*. Salvador: Centro de Recursos Humanos / UFBA, set./dez. 2004. p. 349-335.
- CACCIAMALI, Maria Cristina. Globalização e processo de informalidade. In: *Economia e Sociedade*, Campinas, (14):153-174, jun. 2000.
- CARVALHO, Inaiá, CODES, Ana Luiza Machado. Condições Ocupacionais, Pobreza e Desigualdades. In: CARVALHO, Inaiá Maria Moreira de; PEREIRA, Gilberto Corso (Orgs.). *Como anda Salvador e sua Região Metropolitana*. Salvador: EDUFBA, 2006.p. 185p.
- COSTA, Márcia da Silva. Trabalho informal: um problema estrutural básico no entendimento das desigualdades na sociedade brasileira. In: *Caderno CRH*, Salvador, v. 23, n. 58, p. 171-190, jan./abr. 2010.
- DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Ed. Universidade de S. Paulo; FAPESP, 1999. 266p.
- FIORI, José Luís. *60 lições dos 90: uma década de neoliberalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2001. 236p.
- IBGE. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2009 / IBGE. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.
- _____. *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2010 / IBGE*. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2009.
- MANNHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações. In: FORACHI, Marialice Mencarini (Org.). *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1982, p.67-95.
- PEIXOTO, Clarice Ehlers. Aposentadoria: retorno ao trabalho e solidariedade familiar. In: _____ (Org.). *Família e Envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 57-82.
- _____. As transformações familiares e o olhar do sociólogo. In: SINGLY, François de. *Sociologia da família contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007. p.9-28.
- _____. *Envelhecimento e imagem: as fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro*. São Paulo: Annablume, 2000. 206p.

- POCHMANN, Márcio. *O emprego no desenvolvimento da nação*. São Paulo: Boitempo, 2008. 238p.
- RAMALHO, Ricardo e SANTANA, Marco Aurélio. *Sociologia do Trabalho no mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. 62p. Passo a Passo, 39.
- SEI. *Pesquisa de Emprego e Desemprego: Região Metropolitana de Salvador 2007*. Disponível em <<http://www.sei.ba.gov.br/publicações/ped>> Acesso em 17 jul.2008.
- SOUZA, Carolina M. B. de. *O trabalho de aposentados em Salvador-Bahia: interfaces entre mercado, previdência e família*. Salvador: UFBA, 2010. Tese de Doutorado. 177p.
- WAJNMAN, Simone; OLIVEIRA, Ana Maria H. C. de; OLIVEIRA, Elzira Lúcia de. Os idosos no mercado de trabalho: tendências e consequências. In: CAMARANO, Ana Amélia (Org.). *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?* Rio de Janeiro: IPEA, 2004, p. 453-479.
- WELLER, Wivian. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. In: *Revista Sociedade e Estado*. v. 25, n. 2. maio/agosto 2010.

Recebido em: 01/09/2011

Aceito em: 24/01/2012

Como citar este artigo:

- SOUZA, Carolina M. B. de. Geração e trabalho na atualidade: uma análise sociológica. *Contemporânea* – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, v. 2, n. 2, jul-dez 2012, pp. 513-531.